

APRESENTAÇÃO

Tempos Históricos e o Qualis

Tempos Históricos foi lançada em 1999 e desde então mantém circulação regular e sistemática. À época de seu lançamento, os critérios de reconhecimento de um periódico científico eram mais simples e claros, baseando-se fundamentalmente em sua circulação e impacto na comunidade acadêmica. Procedimentos bastante conhecidos, como a transparência na avaliação dos artigos, a qualificação do corpo editorial, e ausência de endogenia e a periodicidade da circulação eram valorizados indicadores de qualidade e respeitabilidade. Tais parâmetros ajudaram a constituição e o fortalecimento de muitas revistas no campo da História, incluída neste caso a *Tempos Históricos*, sem, contudo, impor aos periódicos qualquer regra ou dispositivo competitivo.

A instituição do Qualis Periódicos como instrumento centralizado de *ranqueamento* dos periódicos científicos abarcou, formalmente, estes critérios e procedimentos. No entanto, para nosso enorme estranhamento, *Tempos Históricos* sempre foi extremamente mal avaliada. Inicialmente, quando a avaliação privilegiava o âmbito de circulação, *Tempos Históricos* foi avaliada como “Local A”, a despeito de ser enviada a todas as bibliotecas universitárias do país, ter reconhecida circulação e difusão. Por duas vezes, encaminhamos recurso a Capes, prestando informações e questionando a avaliação realizada sem, no entanto, jamais termos obtido resposta.

Com a mudança no sistema de avaliação e a instituição dos conceitos A1, A2, B1 a B5 e C, os critérios e procedimentos pareciam ser mais claros e transparentes, permitindo que os periódicos se planejassem para obter determinado conceito, desde que cumprissem os requisitos registrados. Com a divulgação destes requisitos, procedemos a algumas modificações, como o planejamento de longo prazo, a instituição de dossiês temáticos e, em especial, o esforço de indexação da revista, com o que, à luz dos critérios e requisitos, entendíamos que a revista se situaria no estrato “B1”. Para nossa desagradável surpresa, tanto na avaliação de 2009 como na de 2010, a revista foi classificada como “B5”, o mais baixo estrato para publicações científicas, acima apenas do conceito C (“sem valor acadêmico”). De acordo com documento da área de História da Capes, para avaliação dos programas de pós-graduação, um artigo em periódico B5 tem valor equivalente a 10% do valor de um artigo A1. Em outras palavras, um docente teria que publicar 10 dez artigos em

um periódico B5 (como *Tempos Históricos*) para ter produção equivalente a um único artigo publicado em periódico A1. Uma desproporção desta magnitude implica, certamente, em fortíssimo desestímulo à publicação dos periódicos com pior classificação. O que se torna alarmante quando consideramos que, na avaliação 2010, na área de História, apenas 6% dos periódicos receberam conceito A, ao passo que 86% periódicos receberam conceito B e 8% receberam conceito C. E mais ainda, dentre os periódicos que receberam conceito B, quase metade (44%) foram classificados no estrato mais baixo (B5). A área de História, aliás, é uma das áreas com maior percentual de periódicos classificados como B5 e C. Ou estes resultados indicam que a maior parte dos periódicos na área de História é de baixa qualidade, ou indicam a intenção de concentrar a produção científica da área em reduzido número de periódicos.

A preocupação com os procedimentos de avaliação dos periódicos da área de História aumenta quando consideramos as constantes manifestações de diretores de agências governamentais – em especial da Capes – indicando a preferência por um número reduzido de periódicos “de alto impacto”, em detrimento da publicação de maior número de periódicos. Além da insustentável oposição entre qualidade e quantidade, tal perspectiva está em total contradição com o quadro de crescimento da pós-graduação, nas diversas áreas, e conseqüente aumento da produção científica relevante, que necessita espaços para difusão, sob pena de manter-se confinada aos bancos de teses e apresentações em eventos. A perspectiva de redução do número de periódicos implica também em nítida concentração dos instrumentos de difusão da produção científica nos grandes centros, em flagrante contradição com a interiorização do ensino universitário e, particularmente, da pós-graduação.

Cabe ainda questionar o caráter uniformizador do Qualis, na forma como vem sendo imposto. Junto a orientações justificadas (como ausência de endogenia e qualificação do corpo editorial), colocam-se outras mais questionáveis, como imposição de periodicidade mínima semestral e publicação mínima de 14 artigos por volume. *Tempos Históricos* atende estas exigências, ainda assim é difícil compreender por que todos os periódicos, para ter *qualidade*, tenham que ter o mesmo formato.

Em vista disto, *Tempos Históricos* protesta em público contra sua classificação, mas também e principalmente, questiona as diretrizes que orientam o processo de *ranqueamento* das publicações, nas condições em que vem sendo impulsionado pela Capes.

Comissão Editorial
Julho de 2010